

Símbolos de Terreiro



Reinilda de Oliveira Santos

Defumador- Festa de Iemanjá/Araçagi



Símbolos de terreiro

Esta sessão visa a ampliação do conhecimento sobre os elementos que marcam os terreiros afro-maranhenses. Cada item carrega consigo simbolismos que remetem à espiritualidade e à preservação de crenças, sendo fontes de captação, limpeza e dispersão das energias de encarnados e desencarnados, fortalecimento de crença, além de pontos de força e conexão com o mundo espiritual.

Para que a o ensino promova a inclusão e o combate ao racismo religioso, é essencial compreender e respeitar o universo das religiões afro-brasileiras, pelo seu papel na construção da identidade nacional, com sua música, dança, celebrações, culinária, modo de ver e sentir o mundo. Ao estudar aspectos simbólicos das religiões afro, os estudantes têm a oportunidade de desconstruir ideias preconcebidas e promover o fortalecimento de sua consciência histórica. Além disso, ao incorporar o estudo dos símbolos de terreiro no processo de ensino-aprendizagem, os educadores proporcionam aos estudantes uma visão ampliada do patrimônio cultural brasileiro.

A ideia de terreiro, segundo Simas e Rufino (2018), está atrelada a uma forma de ler o mundo a partir da lógica dos saberes encantados. E como disse Quezia Dourado, filha de santo da Tenda Nossa Senhora da Conceição, de Caxias, “um terreiro é, antes de tudo, um espaço seguro e sagrado, em que a mãe embala seu filho e depois, lhe apresenta ao mundo, mas não ao mundo que estamos habituados”. Para ela esse mundo é encantado, “onde é possível coexistir em harmonia e transformar tudo em comunidade. É no terreiro que caminhamos na contramão da ideia de “civilização” ocidental e buscamos resgatar no sentido de família, a reintegração social e o encantamento em cada aspecto da vida”.

Partindo dessa perspectiva, nesta sessão iremos conhecer um pouco mais sobre alguns elementos desse mundo encantado dos terreiros maranhenses: defumador, cruzeiro, velas, pontos de assentamento, imagens/vultos e altares/santidades. E quem vai nos ajudar a entender esse universo é o pesquisador Jandir Gonçalves, que se dedica a conhecer a diversidade cultural maranhense há mais de 40 anos.

Defumador

Defuma com as ervas da jurema,
defuma com arruda e guiné, alecrim,
benjoim e alfazema, vamos defumar filhos de fé.
(Doutrina sobre defumar)

O defumador é um item fundamental em um terreiro, feito com ervas, resinas, cascas, flores, folhas queimadas, ele serve para dissipar as energias negativas ou, como chamam em algumas casas, “energias contrárias”, além de limpar o ambiente e purificar o espírito. Ele é queimado em um pequeno fogareiro, aos moldes de um turíbulo, ou incensório utilizado nas cerimônias religiosas da igreja católica. Esses fogareiros podem ser feitos de cerâmica, alumínio fundido, ou ainda do reaproveitamento de latas. Em muitas casas já utilizam varetas de incensos prontos, feitos de carvão ou resina.

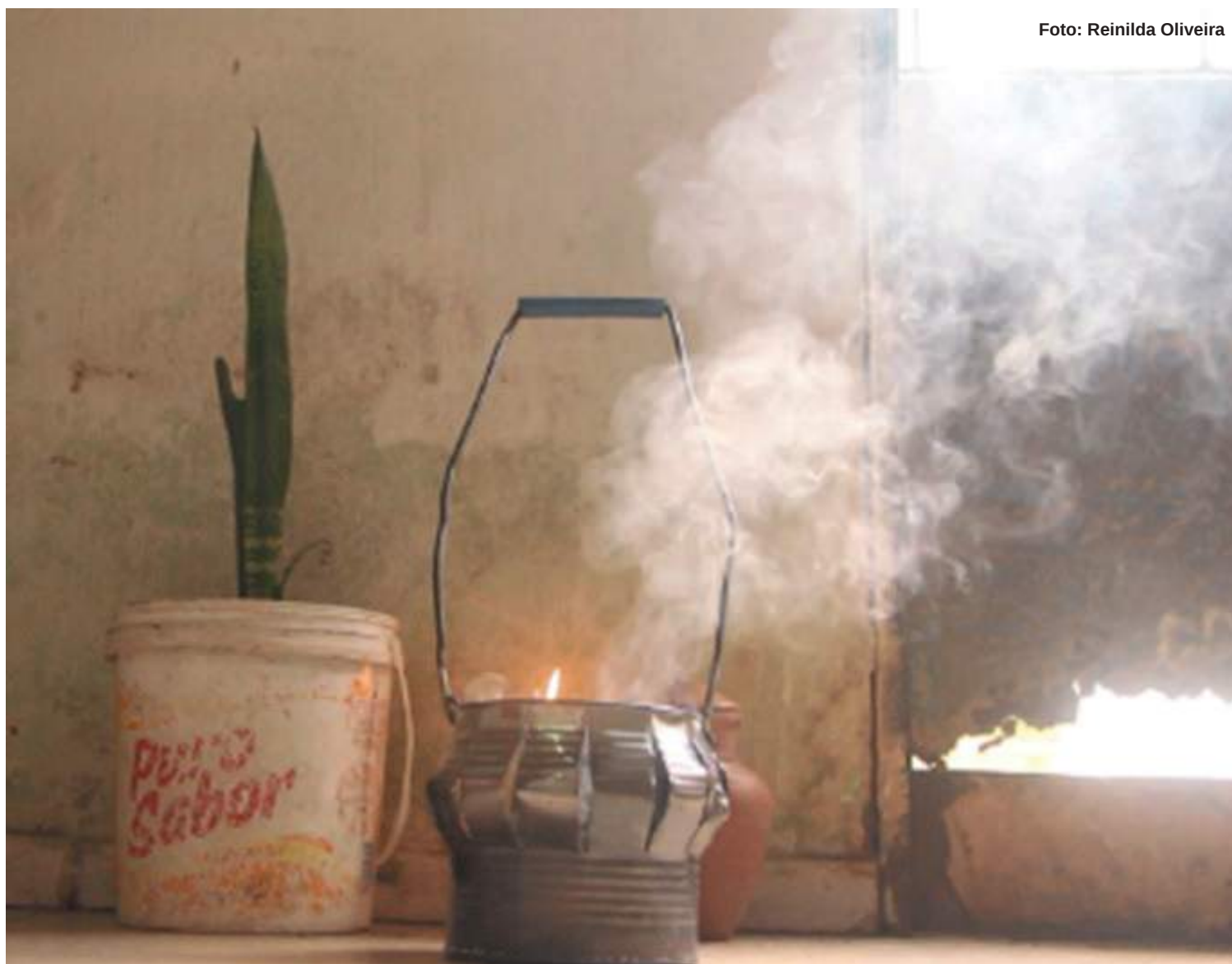


Foto: Reinilda Oliveira

Esse item pode ser utilizado em abertura de tambor, para circundar os curandeiros, os tambores, o pé do altar e quando vira a corrente¹. Por vezes, uma entidade pode sugerir que se faça “fumaça” com determinada erva, a exemplo do cumaru ou alfazemas, mas isso depende da demanda.

O processo de defumação é um dos primeiros rituais de abertura dos trabalhos sagrados em um terreiro, pois, como nos diz o pai de santo Gustavo Costa, do terreiro Rei Sebastião em São Luís, “sobretudo as entidades de luz elevada, prezam por manifestar-se em ambientes energeticamente limpos”.



Quem escreve sobre isso!

Mundicarmo Maria Rocha Ferretti é antropóloga, professora Emérita e Titular da Universidade Estadual do Maranhão, e cofundadora do Grupo de Pesquisa Religião e Cultura Popular- GP Mina. Autora e colaboradora de livros científicos e de artigos publicados em periódicos de Cultura Popular e Religião Afro-brasileira. É membro titular da Associação Brasileira de Antropologia- ABA, e da Comissão Maranhense de Folclore-CMF. Possui vários trabalhos premiados em concursos realizados no Maranhão.

Trechos de seu livro Desceu na Guma, no qual referencia o defumador.

“Depois da ladainha foi servido chocolate com bolo às visitas, enquanto os filhos da casa que já estavam incorporados aproximavam-se do altar e a sala era defumada para começar a reza” (Ferretti, 2000, p. 129).

“E entrega-lhe o penacho de arara, o maracá e a ‘pana’ da entidade espiritual que abre a Cura e acompanha-o até o barracão, defumando o lugar por onde vai passando e o barracão onde vai realizar o ritual” (Ferretti, 2000, p. 143).

“Por volta de meia noite foi queimado no salão um defumador de cheiro desagradável e começou-se a cantar músicas, em português, anunciando o afastamento da pessoa falecida, algumas citadas quando descrevemos um Tambor de Choro na Turquia” (Ferretti, 2000, p. 134).

¹ Virar a corrente é quando os tambores mudam o som para determinada linha de encantados. Segundo o pai de santo compadre João Marcello, de Pindaré Mirim, “dentro do Tambor de Mina, a palavra virar significa a mudança de duas determinadas coisas, virar para o santo (incorporar) ou virar corrente (quando passa de uma linha de ritual para outra)”. A filha de Santo Quezia Dourado, da Tenda Nossa Senhora da Conceição de Caxias nos diz que, “virar a corrente é quando passa a corrente para outra pessoa. Por exemplo: um determinado pai de santo está doutrinando (cantando) e repassa pra outro doutrinar, nesse momento a corrente está mudando, vai mudar a corrente que está em terra pra outra. Entra a força da corrente de outro pai de santo, de outra casa”.

Cruzeiro

Os cruzeiros estão presentes em muitos terreiros, na frente de igrejas, em cemitérios, em estradas, como marca do local de uma morte, e para eternizar a perda de uma pessoa. Eles também marcam a localização das almas milagrosas², podem ser locais turísticos e ainda espaços em que se faz aquelas antigas orações, como ofício³ de Nossa Senhora, das Benditas Almas do Purgatório, das Trevas, do Caçador e de Maria Valei, como foi observado por Jandir Gonçalves em uma visita de covas no município de Riachão. Na ocasião, um grupo de Foliões da Divindade⁴ rezava o ofício do Caçador em frente ao cruzeiro do cemitério.

Foto: Jandir Gonçalves



Cruzeiro turístico- Mirante do Cruzeiro / Lima Campos

² Pessoas que morreram, geralmente em situações trágicas e que operam milagres, a exemplo das três almas de Parnarama; almas sozinhas, no povoado Sozinho, em Codó; Pardinha em Codó; Degolado na Serra do Dico, em Dom Pedro; alma Milagrosa da Taboca Redonda, em São Francisco do Maranhão.

³ Ofício nesse sentido está ligado à ideia de oração, no contexto da Igreja Católica, versadas ou recitadas em homenagem a um santo, alma, Divino Espírito Santo, para que as pessoas possam memorizar com mais facilidade, uma vez que possuem métrica e rima. Pode ser rezado em ladainha de terreiro e em festividades de Bumba meu boi também.

⁴ Grupos de pessoas que fazem festas do Divino Espírito Santo e, para isso, pedem esmolas e também podem ser contratados para visitarem covas, cantando e tocando caixa, como uma forma de consolação da morte. Além disso, eles salvam/fazem sua cantoria em lugares, como poços, roças, casas e pessoas. São comuns nas regiões de Caxias, Matões, Parnarama, Buriti Bravo, Timon.

Símbolos de Terreiro

O cruzeiro das almas nos cemitérios serve de orientação, é onde está a força do campo santo, o local onde as almas se ajoelham para descontar os pecados. É lá que as pessoas devem acender velas e fazer suas orações, caso estejam em outra cidade ou se já não sabem mais a localização da sepultura.

Nos terreiros, o cruzeiro também representa o local de força da casa, funciona como facilitador do diálogo com Exus e Pretos Velhos, além de possibilitar o contato com um maior número de almas. Na cidade de Barra do Corda, mestre Adão, terecozeiro e divineiro, faz uma salva/saudação a um dos cruzeiros de sua tenda, dedicada ao Divino Espírito Santo, referindo-se ao Cruzeiro do meio do mundo, um local de força e luz.

Foto: Reinilda Oliveira

Terreiro do povoado São Lourenço-Vitória do Mearim



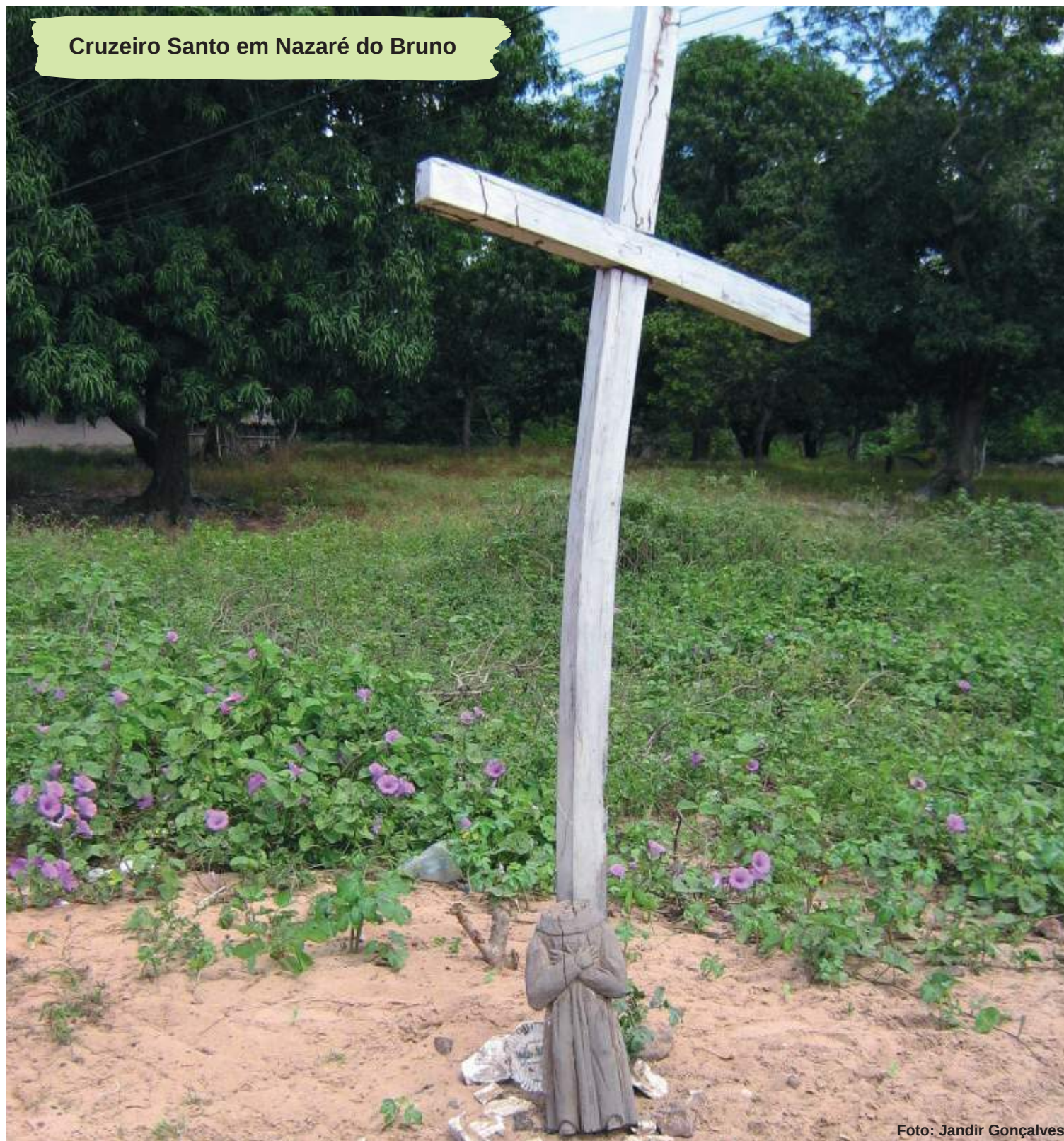
Foto: Jandir Gonçalves

Tenda Raio de Sol / Codó



No Maranhão existe um local, que é a morada de príncipe Areolino, atual povoado de Nazaré do Bruno, em Caxias, em que há um (1) cruzeiro em cada um dos famosos morros (morro Nossa Senhora da Guia, ao norte, morro de Nossa Senhora das Graças, ao leste, morro de Nossa Senhora dos Remédios, a oeste, e morro do Monte Carvalho, ao sul), assim como próximo a cada um dos nove (9) terreiros do local. Além desses, existem outros cruzeiros espalhados pelo povoado, inclusive os santos quebrados são deixados no pé de um deles.

Cruzeiro Santo em Nazaré do Bruno



Símbolos de Terreiro

No campo do Mathias, cemitério que fica no bairro Altamira, em Barra do Corda, existem dois cruzeiros, um do cemitério e o outro dedicado à alma milagrosa conhecida como Alma Mathias. Local de peregrinação, de cantoria do Divino Espírito Santo e onde as pessoas deixam ex-votos, como mortalhas, muletas, roupas, litros de água, coroas, jarros de flores, desenhos, fotografias, pipoca, velas e foguetes. Todo o entorno da cova e cruzeiro do Mathias funciona aos moldes de uma câmara ardente.

Eu dou bom dia, Alma Mathias (bis)
Pelas horas que cheguei (bis)
Mas tão alegre e satisfeito (bis)
Com Mathias eu me encontrei (bis)

Eu dou bom dia, Alma Mathias (bis)
Eu cheguei e lhe encontrei (bis)
E hoje está fazendo ano (bis)
O divino andou aqui (bis)

Me falai alma Mathias (bis)
Que alma tão milagrosa (bis)
Que meu divino veio salvar (bis)
É com dor e glória (bis)

(Cantoria do Divino em visita de cova a alma Mathias)

Foto: Jandir Gonçalves



Cruzeiro da Alma Mathias -Barra do Corda

⁵ É um presente oferecido pelo devoto a um santo ou alma milagrosa, em agradecimento a uma promessa.

Velas

Aprendemos nos filmes e livros que, no universo mágico, as velas ocupam lugar primordial, sendo utilizadas em qualquer ritual de contato com forças superiores ou inferiores, podendo representar intenções, energias e a presença do divino. No catolicismo se utilizam muitas velas e nos terreiros não poderia ser diferente, há sempre alguma acesa, tendo cores, tamanhos e formatos específicos, relacionados às entidades às quais se destinam.

Os pontos precisam estar sempre com velas acesas porque ali funciona como um elo ativo entre os médiuns e as entidades. Fernando Cardoso, Filho da Tenda Jurandense de Itapecuru Mirim apontou que,

A vela para nós é a afirmação ativa entre nós e as entidades. Principalmente nos dias de obrigação isso se intensifica. Ao acender a vela, fazemos um pedido, um agradecimento, firmamos uma força, essa é a maneira mais simples de firmar uma força, de estabelecer uma comunicação ou canalização de energia temporária. Quando acendemos uma vela, estamos ativando uma energia que nos liga ao plano espiritual, estimulando a nossa alma e enviando as nossas orações às divindades. Algumas pessoas nos terreiros dizem “acende uma luz” para se referir a vela

Foto: Reinilda Oliveira



Símbolos de Terreiro

A cor da vela serve como um canal de comunicação, representando as energias e intenções do praticante, ajudando a atrair a atenção e a benção da entidade correspondente. Além das cores, a forma como as velas são acesas e dispostas também tem significados nos rituais de terreiro. Acender uma vela é um ato de fé e devoção, uma maneira de enviar pedidos e agradecimentos aos encantados.

Foto: Reinilda Oliveira



Foto: Reinilda Oliveira



Imagem de velas- Terreiro Rei Sebastião/São Luís

Durante os rituais, a chama da vela pode simbolizar a presença espiritual, a luz que guia e purifica, sua queima libera energia, esse processo é visto como um momento de comunicação direta com o divino, servindo as velas como intermediárias entre o mundo físico e espiritual.

Imagens e vultos

O sincretismo⁶ nas religiões afro-brasileiras é um fenômeno que ocorre quando elementos de tradições africanas se misturam com influências do catolicismo, do espiritismo e de outras crenças presentes no Brasil. Esse processo foi forte durante o período colonial, quando a prática das religiões dos africanos escravizados era reprimida, e a opressão levou à necessidade de disfarçá-las para evitar perseguições, fazendo com que as fusões resultassem em concepções distintas de religião afro. Os rituais religiosos africanos foram adaptados, incorporando elementos como cantos, danças, oferendas, muitas vezes com simbologias que dialogam com o catolicismo.

Uma característica do sincretismo é a associação de entidades/divindades africanas aos santos católicos, por exemplo, os orixás do Candomblé, como Oxum (deusa das águas doces) é muitas vezes ligada à Nossa Senhora da Conceição, Iemanjá (deusa das águas salgadas) associada à Nossa Senhora dos Navegantes ou Nossa Senhora da Glória; Xangô a São Jerônimo ou São João Batista; Ogum a São Jorge; Oxóssi a São Sebastião; Iansã a Santa Bárbara.

As imagens nos terreiros são representações de santos e o que chamamos aqui de vultos, representam encantados, caboclos e orixás. Nas palavras do pai de santo Gustavo Costa, “temos uma profunda devoção pelas imagens, apesar de saber que não é a entidade, mas é uma representação, ali está sentado tudo o que acreditamos, é uma imagem que nos fala que tem algo maior.”

Essa iconografia é o que nos possibilita fazer uma leitura visual, através do estudo dos atributos/características dessas imagens, em pinturas, esculturas, gravuras, retratos, pois geralmente trazem elementos que se relacionam com as trajetórias

⁶ Para mais informações ler: FERRETTI, S. F. **Repensando o sincretismo**. 2. ed. São Paulo: Edusp; Arché Editora, 2013, 280p. O livro traz o conceito de sincretismo religioso no Tambor de Mina no Maranhão, além disso, chama atenção para o fato de que o sincretismo afro-religioso não pode ser visto apenas como mistura ou adaptação, mas como um processo ativo de negociação cultural e resistência.

Símbolos de Terreiro

de vida das entidades. A fotografia abaixo, capturada no terreiro Rei Sebastião, em São Luís, apresenta o Sagrado Coração de Jesus, que é mostrado com uma túnica branca, as chagas nas mãos, o coração fora do peito, rodeado de espinhos e em chamas. A imagem é o símbolo maior na devoção católica, significando o amor divino e a compaixão de Jesus Cristo pela humanidade. De acordo com a visão popular do catolicismo, o coração representa o amor, as chamas simbolizam o sacrifício, enquanto a coroa de espinhos remete ao seu sofrimento. Além dessa, existem inúmeras outras compreensões da mesma imagem.

Foto: Reinilda Oliveira

**Imagem do Sagrado Coração de Jesus-
Terreiro Rei Sebastião / São Luís**



Na iconografia mais recorrente de Santa Bárbara, por exemplo, são trazidos como atributos um cálice, uma coroa, uma espada, uma torre e, por vezes, uma palma. O cálice simboliza o martírio e a fé, enquanto a torre está associada à sua história, pois, segundo a tradição, ela foi aprisionada em uma torre por seu pai. Esses elementos representam sua proteção e intercessão contra tempestades e raios, refletindo também sua relação com a fertilidade e a proteção das cidades. No Maranhão é a padroeira do Tambor de Mina, com data comemorativa no dia 4 de dezembro.

As entidades estão diretamente relacionadas a diferentes atividades humano-culturais, como a caça, a guerra, a justiça, a maternidade e a cura, e essa característica define alguns dos seus elementos e podem aparecer na iconografia. Analisando imagens de orixás, percebemos que Iansã, por exemplo, tem como atributo um raio, uma espada, erexin (rabo de cavalo), já Oxóssi é representado por um arco e flecha (Ofá) e o Eruexim (rabo de boi), mostrando sua afinidade com a caça.

Assim como santos do catolicismo, entidades das religiões afro-brasileiras tiveram vidas em terra, e por isso podem ter características humanas. O filho de santo Fernando Cardoso, da Tenda Jurandiense de Itapecuru Mirim, afirmou que nem todas as entidades podem ser descritas em imagem, e há imagens que foram reveladas naquela feição específica. Por exemplo, seu Zé de Légua e seu Baiana Grande foram entidades que foram relevadas em imagens ao pai de santo, enquanto algumas outras não permitem que suas imagens sejam projetadas; elas aparecem apenas nos sonhos e nas intuições dos médiuns. Seu Jurandir da Ponta D'areia é uma das que não permitiu que fossem feitas imagens dele.

Esta imagem, estampada na parede de um terreiro em Caxias/MA, traz um Preto Velho sentado em um banco de madeira, usando terno branco, chapéu de palha e pitando/fumando cachimbo. Ele geralmente usa roupa branca, o que representa paz e espiritualidade, um bastão ou cajado, que simboliza autoridade, proteção e a sabedoria acumulada ao longo da vida e o cachimbo que é frequentemente associado à sabedoria dos mais velhos.



Pontos de assentamento / firmezas

Um ponto de assentamento é um local de ritual, culto, segredo, conexão energética com a divindade e simboliza a ligação entre o médium e a entidade; é a força ou o poder assentado no solo ou em um recipiente de louça ou barro. Pode ficar nos quatro cantos do terreiro, dentro ou fora da casa, pode ser inclusive em outros espaços, como sítios e áreas de muita natureza. Os assentamentos servem para reforçar a conexão entre um indivíduo ou grupo, para cultivar e cuidar da entidade espiritual. Abaixo, imagens de dois (2) assentamentos de Surrupira.



Tenda Cosme e Damião- Pindaré Mirim

Foto: Jandir Gonçalves



Terreiro do povoado
São Lourenço - Vitória do Mearim

Foto: Reinilda Oliveira

Nos pontos de assentamento, algumas vezes, percebemos elementos que se referem às linhas das entidades, sejam elas das águas, de rua ou da mata. Em geral, é oferecido o que agrada às entidades, desde a cor da vela a elementos característicos delas, mas há infinitas possibilidades da concepção de um assentamento.

Na imagem a seguir, um assentamento de Exu no terreiro Rei Sebastião, em São Luís, traz dois vultos de Exu, duas garrafas de cachaça, um copo de café, charutos, uma vela vermelha e uma guia, nas cores vermelha e preta.

Tronqueira de Exu- Terreiro Rei Sebastião São Luís



Altars/ santidade

No geral, as religiões possuem seu altar, lugar em que se colocam imagens, símbolos e ícones ligados à sua liturgia. O altar/santidade nos terreiros é uma herança do sincretismo e simboliza um lugar de força, ponto de irradiação, pureza e conexão com o mundo espiritual. A organização, tamanho e quantidade de elementos podem variar de acordo com o terreiro.

Nos altares geralmente encontramos imagens em quadros, entalhadas em madeira ou moldadas em gesso, com representações de Jesus Cristo, dos guias espirituais, sincretizados ou não com santos, de Pretos Velhos, entidades infantis, anjos, Mães D'Água, velas, água do mar/de cachoeira, jarros com planta e flores, cálice/copo com água, guias (de acordo com as entidades cultuadas), sereias, perfumes, ervas frescas e secas, crucifixos, fósforos, taquari, cigarros, tauari, banhos, cuias, terços, escarradeiras, incensos, pomba do Divino Espírito Santo, toalhas, punhais, conchas, pedras, guias, glanchamas.

Em algumas casas, os altares/santidade costumam ter o santo homenageado no centro da mesa, do lado esquerdo os santos cujas datas comemorativas já passaram e, do lado direito, os que estão por vir, em um fluxo constante das imagens. Isso obedece ao calendário festivo do terreiro, por exemplo, no mês de dezembro, homenageia-se Santa Bárbara (dia 4), Nossa Senhora da Conceição (dia 8) e Santa Luzia (dia 13).

Na imagem abaixo, temos uma santidade exemplificando o que foi dito, com imagem central de Nossa Senhora da Conceição, Santa Bárbara do lado esquerdo e do lado direito São Sebastião, comemorado no dia 20 de janeiro.



Símbolos de Terreiro

No centro, leste e sul do Maranhão têm-se outras compreensões sobre uma santidade/altar: na fotografia abaixo, além das imagens tridimensionais, utilizam-se muitos quadros com imagens de santos. Em alguns casos à imagem ou ao quadro são acrescentadas fitas coloridas, simbolizando pedidos ou enfeites, assim como uma moldura, dando destaque ao santo.

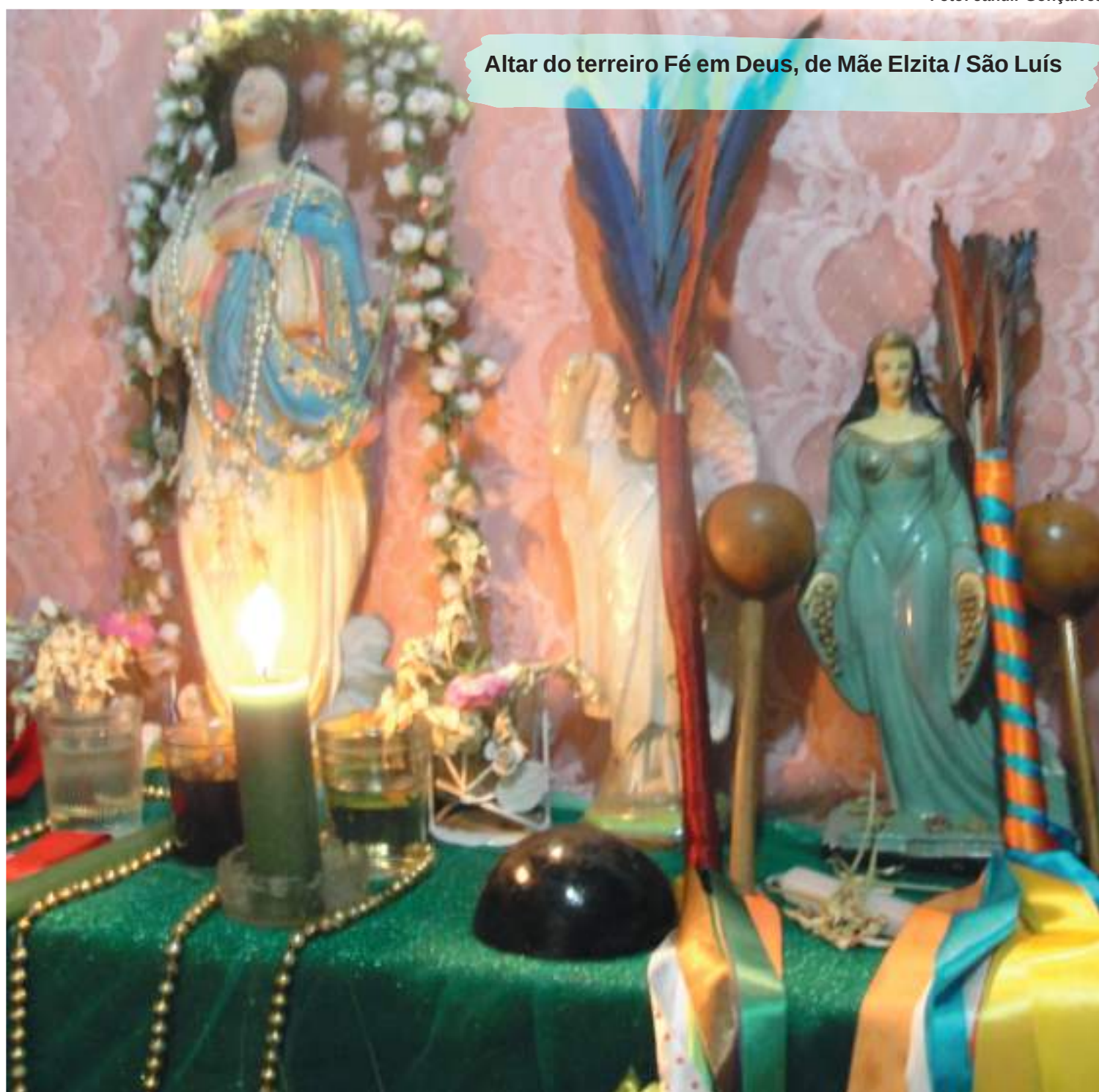


Altar no povoado São Lourenço- Vitória do Mearim



Na pajelança, nos rituais de cura, faz-se um altar específico e há sempre ao menos um penacho e um maracá como mostrado na fotografia abaixo. No centro, tem-se uma imagem de Nossa Senhora da Conceição, por vezes acrescidas de outras como São Sebastião, Sagrado Coração de Jesus, São Gonçalo, anjo Serafim. Há exceções, como no terreiro Fé em Deus, de Mãe Elzita, no bairro Sacavém, em São Luís, em que se usa o próprio altar do terreiro.

Foto: Jandir Gonçalves



Símbolos de Terreiro

Mundicarmo Ferretti (2000), no conhecido livro *Desceu na Guma* conta que, na Casa Fanti Ashanti, nas noites de cura, em vez de tambores, na frente há uma pequena mesa, coberta por toalha branca de renda, onde se encontram crucifixo, imagem de Nossa Senhora da Conceição e de um outro santo, velas brancas, copo d'água e punhal (este usado para tirar malefício), fumo, incenso, uma xícara de chá e algumas garrafas de bebida (cachaça e refrigerante), etc. Sob a mesa de cura existe sempre, na Casa Fanti-Ashanti, uma escarradeira, onde o pajé cospe corpos estranhos, quando 'retirados de pessoas enfeitiçadas', durante o ritual. Encontram-se também, às vezes ali, "garrafadas" (medicamentos preparados pelo pajé), tesoura aberta, chave, etc.

Na foto abaixo, um altar da Tenda São Sebastião, em Barra do Corda, traz uma mesa com toalha de chita, no centro dois crucifixos, imagens de São Sebastião, Sagrado Coração de Jesus, Nossa Senhora e do Caboclo Flecheira. Ainda na mesma mesa tem São João do Carneirinho, Santo Antônio, Nossa Senhora do Desterro, com quadros de santos e quatro (4) velas. Na parede, acima da mesa, há quantidade significativa de quadros com santos e outras imagens em gesso, como a de Frei Damião, Padre Cícero, Nossa Senhora da Conceição, uma sereia e uma lemanjá.

Foto: Jandir Gonçalves

Tenda São Sebastião em Barra do Corda



Na mesa de cura no terreiro de Raimunda Viegas, em São Luís, como principal elemento, no centro, aparece Nossa Senhora da Conceição, ladeada por imagem de São Sebastião, três diferentes invocações de Jesus Cristo (Menino Jesus, Nosso Senhor dos Passos e Senhor Morto), Santo Antônio, uma tigela com cristal, um bibelô de coruja, flores e uma fotografia emoldurada do antropólogo, já falecido, Sérgio Figueiredo Ferretti.

Foto: Jandir Gonçalves



Mesa de cura no terreiro de Raimunda Viegas, em São Luís

Símbolos de Terreiro

Em alguns terreiros, os altares podem ser cobertos na quaresma, como mostram as imagens abaixo, assim como no catolicismo, simbolizando o sofrimento de Jesus. Isso acontece em um ritual chamado de Salvar aleluia, é o mesmo que romper a aleluia e representa a finalização da quaresma, que acontece no Sábado de Aleluia. Nesse dia ocorre o fechamento do ciclo carnavalesco, com as turmas de samba e blocos afro na região do litoral Ocidental Maranhense.

No Tambor de Mina, em alguns municípios do Maranhão, é costume fazer a abertura das correntes e o primeiro ensaio das turmas de Bumba meu boi no Sábado de Aleluia. Inclusive há cânticos do Divino Espírito Santo que são cantados nos terreiros, somente nesta data. Muitas dessas casas, quando não fazem esses rituais no Sábado de Aleluia, fazem no sábado seguinte, que é conhecido por aleluinha ou pascoalina.

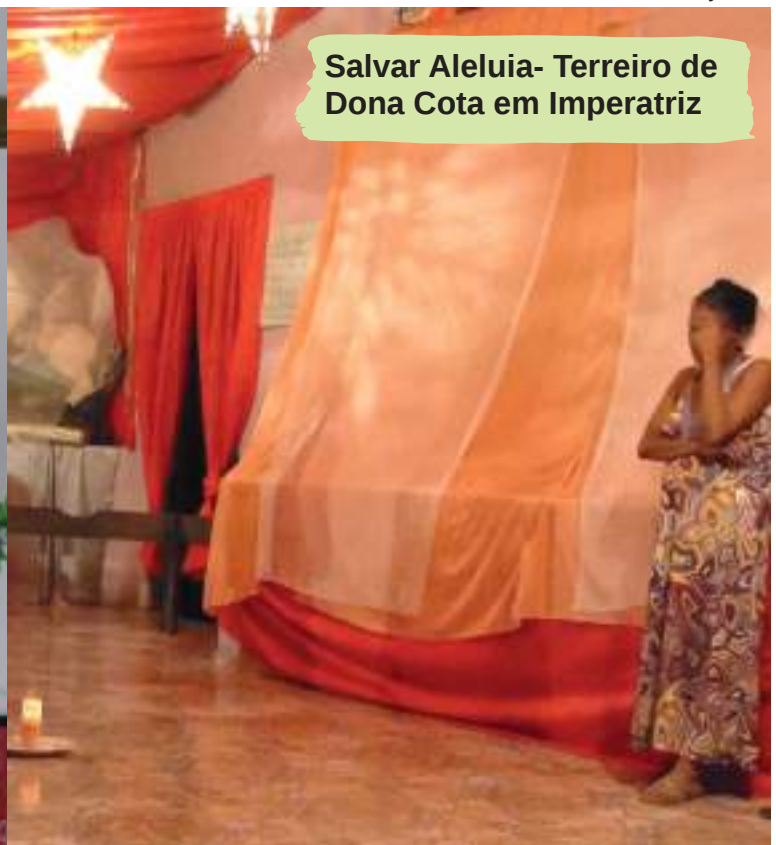
Aleluia Aê maracambô
Aleluia maracambô, maracambô
Aleluia Aleluia Aê maracambô
Salve
(Doutrina de Salvar Aleluia)

Foto: Jandir Gonçalves



Salvar Aleluia - Tenda Espírita Força de Oxóssi de Dona Marinha / bairro do Caratatiua / São Luís

Foto: Jandir Gonçalves



Salvar Aleluia- Terreiro de Dona Cota em Imperatriz

Esta sessão pode ser trabalhada para fortalecer o respeito à diversidade, a compreensão cultural e a construção de uma sociedade mais inclusiva, pois, ao reconhecermos e valorizarmos as tradições afro-religiosas, contribuímos para a construção de um ambiente educacional mais enriquecedor e respeitoso com as múltiplas identidades do país. Lembrando também que ao trazer símbolos afro-religiosos para o ambiente educacional, os professores têm a oportunidade de abordar questões relacionadas à história, à formação cultural do Brasil e à luta contra o racismo religioso. Dessa forma, os estudantes não apenas adquirem conhecimento sobre uma expressão religiosa específica, mas também desenvolvem habilidades críticas e sensibilidade cultural.

Referências

FERRETTI, Mundicarmo. **Desceu na Guma: o Caboclo no Tambor de Mina**. São Luís: EDUFMA, 2000.

FERRETTI, S. F. **Repensando o sincretismo**. 2. ed. São Paulo: Edusp; Arché Editora, 2013, 280p.

SIMAS, Luiz Antonio, RUFINO, Luiz. **Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas**. 1. ed. Rio de Janeiro: Mórula, 2018.

Entrevista

CARDOSO, Fernando. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. Itapecuru- Mirim, maio de 2023.

COSTA, Gustavo. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. São Luís, junho de 2022.

DOURADO, Quezia. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. Caxias, junho de 2022.

GOMES, João Marcello. [Entrevista concedida a] Reinilda de Oliveira Santos. Pindaré-Mirim, fevereiro de 2023.

INSTRUÇÃO TÉCNICA E ELABORAÇÃO DAS SESSÕES EDUCATIVAS DA ABA EDUCATIVO DO MUSEU AFRO DIGITAL DO MARANHÃO



Pesquisa e Texto:

Reinilda Oliveira e Jandir Silva Gonçalves

Orientação:

Viviane de Oliveira Barbosa

Capa e Projeto Gráfico:

Claudio Lima

Fotografias:

Reinilda de Oliveira Santos, Jandir Silva Gonçalves
e Ana Mendes

Entrevistas:

João Marcello Gomes
Quezia Dourado

Apoio:

Universidade Estadual do Maranhão
Programa de Pós-graduação em História
Museu Afro digital do Maranhão



ROTEIRO DE ORIENTAÇÕES PEDAGÓGICAS

Tema da sessão	Símbolos de terreiro
Objetos do conhecimento¹	Populações afrodescendentes e indígenas no Brasil
Série	1ª e 3ª Séries do Ensino Médio
Duração	2 aulas
Área do conhecimento na BNCC / Subárea	Ciências Humanas e Sociais Aplicadas / História
Competências da área na BNCC	5- Identificar e combater as diversas formas de injustiça, preconceito e violência, adotando princípios éticos, democráticos, inclusivos e solidários, e respeitando os Direitos Humanos. 6- Prestigiar a diversidade de saberes e vivências culturais e apropriar-se de conhecimentos e experiências.
Habilidades da BNCC	(EM13CHS502) - Analisar situações da vida cotidiana, estilos de vida, valores, condutas etc., desnaturalizando e problematizando formas de desigualdade, preconceito, intolerância e discriminação, e identificar ações que promovam os Direitos Humanos, a solidariedade e o respeito às diferenças e às liberdades individuais.
Habilidades COPEM	(EM13CHS104) - Analisar objetos e vestígios da cultura material e imaterial de modo a identificar conhecimentos, valores, crenças e práticas que caracterizam a identidade e a diversidade cultural de diferentes sociedades inseridas no tempo e no espaço.

¹ De acordo com o Caderno de Orientações Curriculares para o Ensino Médio da Rede Estadual do Maranhão (COPEM).

Habilidade sugerida	Analisar os traços afro-identitários presentes nos diferentes símbolos de terreiro, destacando sua importância como expressão religiosa e cultural, e a partir disso, problematizar como o desconhecimento sobre a temática reflete em diferentes formas de preconceito, desigualdade e discriminação.
Palavras-chave	Terreiro, simbolismo, religião afro, identidade, pertencimento.
Aprendizagens essenciais na BNCC	Respeito aos direitos humanos e à interculturalidade e o combate aos preconceitos de qualquer natureza.
Objetivos²	- Estudar aspectos das religiões de matriz africana na sala de aula, desconstruindo ideias preconcebidas, combatendo o racismo religioso, além de ajudar no processo de fortalecimento de consciência histórica; - Compreender a importância de alguns elementos e seus significados que marcam os terreiros do território maranhense, como defumador, cruzeiro, velas, pontos de assentamento, imagens/vultos e altares/santidades.
Metodologia de Ensino	- Sala de Aula Invertida: pedir que os estudantes olhem os verbetes do acervo afro-ameríndio do Museu Afrodigital do Maranhão (link disponível na referência) e comentem na aula o que observaram. 1ª aula - Exploração Teórica - Começar a aula a partir do que os alunos entendem sobre a temática; - Apresentar, com base na sessão educativa, o conceito de terreiro, a relação das religiões afro com o catolicismo e os símbolos mais comuns encontrados em terreiros; - Provocar reflexões sobre a importância desses símbolos para a identidade cultural e religiosa dos praticantes;

² No Ensino Médio, a BNCC da área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas propõe que os estudantes desenvolvam a capacidade de estabelecer diálogos – entre indivíduos, grupos sociais e cidadãos de diversas nacionalidades, saberes e culturas distintas –, elemento essencial para a aceitação da alteridade e a adoção de uma conduta ética em sociedade.

	- Dividir a sala em grupos para leitura (um para cada tópico da sessão apresentada). 2ª Aula - Atividade Prática/Avaliativa - Discutir a temática, estimulando o debate e a troca de ideias entre os estudantes, a partir de reflexão crítica sobre a diversidade religiosa e cultural através dos elementos apresentados; - Apresentação dos Grupos - cada grupo realiza uma breve exposição sobre os elementos presentes nos tópicos da sessão, destacando sua importância cultural e religiosa através de diferentes linguagens (resumo, desenho, música, teatro, fotografia, poesia, podcast)
Recursos Didáticos e tecnológicos	Sessão SÍMBOLOS DE TERREIRO (PDF); data show e computador para expor fotografias e vídeos do acervo afro-ameríndio do Museu Afrodigital do Maranhão; entrevistas com membros de terreiros.
Sugestão de interdisciplinaridade	Disciplinas: História, Arte e Sociologia. Duração: 3 aulas Tipo: Feira Cultural Local: Pátio, auditório ou uma sala de aula Título: <i>Terreiro de Saberes</i> Objetivo: promover o conhecimento sobre elementos de terreiros, destacando sua importância religiosa, histórica e cultural, almejando sensibilizar a comunidade escolar para a riqueza das tradições afro-brasileiras e contribuir para o respeito à diversidade religiosa e o fortalecimento da sabedoria ancestral para uma educação antirracista. 1ª aula: - Os professores das três disciplinas irão escolher previamente os grupos e as abordagens para o dia da feira, cada uma terá seu estande temático. Lembrando que o grupo é o mesmo nas três disciplinas;

- | | |
|--|--|
| | <ul style="list-style-type: none">- O professor de História poderá usar o material resultante da aula feita anteriormente, em que cada grupo fez uma breve exposição sobre os elementos presentes nos tópicos da sessão através de diferentes linguagens (resumo, desenho, música, teatro, fotografia, poesia, podcast). Além disso, ele poderá fazer leitura de imagens, a partir das fotografias presentes na sessão, explorando seus diferentes significados a partir do ponto de vista dos estudantes, propiciando análise crítica, sensibilização estética e construção de significados histórico.- O professor de Arte pode explorar as diferentes linguagens artísticas a partir dos trabalhos oriundos da aula de história e organizar o espaço da exposição de acordo com os tipos de produção, agregando outros elementos relacionados ao tema;- O professor de Sociologia pode pedir que os estudantes confeccionem cartazes sobre atitudes que marginalizam as religiões afro-brasileiras, associadas a ações antirracista e questões como intolerância religiosa, racismo religioso, papel das religiões afro na preservação da história e cultura afro-brasileira. |
|--|--|

2ª e 3ª aula:

- Convidar outras turmas da escola para visitar a feira;
- Organizar os estandes no espaço em que será realizada a feira, ornamentar com elementos que remetem as religiões, como toalhas, bandeiras, instrumentos musicais, indumentárias, comidas, tecidos, plantas, esteiras de palha, ou o que mais os alunos conseguirem levar.
- Culminância: realização da feira com apresentações de cada grupo.

Avaliação: Os professores poderão analisar as percepções dos estudantes relacionadas às diferentes habilidades desenvolvidas durante a feira e os aprendizados a respeito dos símbolos e do universo das religiões afro-

	maranhenses, através de um relatório, feito por cada grupo, constando as etapas da ação e os aprendizados adquiridos.
Referências	- BRAGA, Lúcia Helena Vieira. Cores, formas e símbolos: A estética afro-brasileira nas religiões de matriz africana. Salvador: EDUFBA, 2012. - BRASIL. Ministério da Educação. Base nacional Comum Curricular. 2017. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=85121-bncc-ensino-medio&category_slug=abril-2018-pdf&Itemid=30192>. Acesso em 20 de janeiro de 2023. - _____. Documento Curricular do Território Maranhense: para a Educação Infantil e o Ensino fundamental. 1ª ed Rio De Janeiro: FGV, 2019, 487 p. - MUSEU AFRODIGITAL DO MARANHÃO. Disponível em: https://museuafro.ufma.br/.